

**CENTRO UNIVERSITÁRIO – UNIVATES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO UNIVERSITÁRIA**

**DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR:
“QUEM SABE FAZ, QUEM NÃO SABE ENSINA?”**

Daiani Clesnei da Rosa

Lajeado, fevereiro de 2007.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO – UNIVATES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO UNIVERSITÁRIA**

**DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR:
“QUEM SABE FAZ, QUEM NÃO SABE ENSINA?”**

Daiani Clesnei da Rosa

Artigo apresentado no curso de Pós-graduação em Gestão Universitária exigência para a obtenção do título de especialista.

Orientadora: Ms. Jacqueline Silva da Silva

Lajeado, fevereiro de 2007.

RESUMO

Este artigo apresenta uma breve análise da docência no ensino superior, partindo da experiência profissional da autora no ensino superior. O trabalho apresenta uma breve contextualização histórica da estrutura organizacional do Ensino Superior em nosso país. Apresenta, também, aspectos relacionados ao contexto atual da docência no ensino superior, partindo de dois ditos populares: “quem sabe, sabe ensinar” e “quem sabe faz, quem não sabe ensina.”

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino Superior. Professores Universitários. Formação profissional

DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: “QUEM SABE FAZ, QUEM NÃO SABE ENSINA?”

Daiani Clesnei da Rosa¹

“O ensino superior é, em qualquer sociedade, um dos motores do desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, um dos pólos da educação ao longo de toda a vida.”
Jacque Delors²

INTRODUÇÃO:

Como professora a mais de duas décadas, atuando em escolas de Ensino Fundamental e Médio e, nos últimos sete anos, também no Ensino Superior percebo as angústias pelo qual passam os professores de todos os níveis de ensino. No entanto, quero me deter ao docente do Ensino Superior que, em muitos casos, pode ser definido como *profissional-professor*, ou seja, um bacharel que se destacou em sua profissão e, em alguns momentos, dedica-se ao ensino e o *professor-profissional* que desenvolve sua caminhada profissional voltada ao ensino.

¹ Graduada em Pedagogia; Especialização em Administração e Planejamento para Docentes e Mestrado em Educação.

² Relatório da UNESCO.

Minha proposta de estudo está ligada a minha experiência no ensino superior como docente e coordenadora do Programa de Formação Pedagógica para Docentes³, na docência e coordenação no curso de Pedagogia e, também, no NAP (Núcleo de Apoio Pedagógico), cuja função principal é o acompanhamento e o apoio ao docente do Centro Universitário – UNIVATES – Lajeado/RS, na sua prática pedagógica. Esse núcleo está estruturado há, aproximadamente, cinco anos, desenvolvendo atividades como: as Oficinas Pedagógicas, os Fóruns de Discussões sobre a prática pedagógica no ensino superior e os Atendimentos Individualizados, quando solicitado pelo professor ou pela coordenação dos cursos desta instituição⁴.

A partir das oficinas e das discussões, realizadas pelo NAP, foi possível perceber as necessidades que o professor universitário apresenta no desenvolvimento da docência, considerando os desafios que se apresentam em sala de aula. As exigências atuais se configuram como preocupações constantes no exercício da prática docente. Essas preocupações estão relacionadas às exigências atuais de uma *competência pedagógica*⁵ para o exercício da docência, como de qualquer outra profissão, exigindo capacitação própria e específica.

Esta proposta de trabalho visa destacar a necessidade do debate sobre a docência universitária, visando auxiliar no desenvolvimento de práticas pedagógicas atualizadas e voltadas ao diálogo. Para tanto, o presente artigo encontra-se assim estruturado: na primeira parte aparece um breve histórico do ensino superior, na segunda parte consta um pouco do contexto atual, destacando o dito popular: “quem sabe faz, quem não sabe ensina” e ao encerrar apresenta algumas pistas para reflexão e debate.

³ O Programa de Formação Pedagógica para Docentes da UNIVATES – Centro Universitário visa à qualificação e habilitação de profissionais portadores de diploma de educação superior que desejam atuar na docência da educação básica (nível médio e profissionalizante).

⁴ Centro Universitário - UNIVATES

⁵ Masetto, Marcos T. (2003) “... os professores universitários começaram a se conscientizar de que seu papel de docente do ensino superior, como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor, ou ainda apenas o exercício da profissão. Exige isso tudo, e competência pedagógica, pois ele é um educador.”(p. 13)

CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO SUPERIOR CRENÇA: “QUEM SABE, SABE ENSINAR!”

Para compreender a forma de estrutura organizacional em que está embasado o ensino superior no Brasil é necessário refletir sobre o modelo de ensino superior implantado. Desde o início, percebe-se o destaque para o domínio do conhecimento e experiências profissionais relevantes como os únicos critérios para o desenvolvimento da prática docente nos cursos superiores. Essa forma de organizar o ensino superior se configura da seguinte maneira:

Tem-se procurado formar profissionais mediante um processo de ensino em que conhecimentos e experiências profissionais são transmitidos de um professor que sabe e conhece para um aluno que não sabe e não conhece. (Masetto, 2003, p. 12)⁶

Dessa forma vemos o desenvolvimento da crença de que “quem sabe, sabe ensinar”⁷, sendo assim os cursos superiores buscavam profissionais renomados para compor o corpo docente das instituições, visando que esses profissionais desenvolvessem seu trabalho com o mesmo sucesso de sua profissão, ensinando, portanto, os estudantes a serem bons profissionais. Nesse sentido, ensinar significava “ministrar aulas expositivas ou palestras sobre determinado assunto dominado pelo conferencista, mostrar na prática como se fazia; e isso um profissional saberia fazer.” (Masetto, 2003, p. 13)

⁶ MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

⁷ Idem.

Com o avanço do desenvolvimento tecnológico nas diversas áreas do conhecimento começam a surgir novas exigências ao profissional que se candidatava à docência no ensino superior, dessa forma, além do bacharelado as instituições de ensino superior passam a exigir cursos de especialização⁸ na área e, atualmente, mestrado e doutorado. No entanto, as exigências continuam as mesmas, porque o importante é o domínio do conteúdo em determinada disciplina e experiência profissional, não havendo uma preocupação maior com a competência didático-pedagógica. Conforme, Pimenta & Anastasiou (2002, p. 36)⁹ “há certo consenso de que a docência no ensino superior não requer formação no campo do ensinar.”

Em muitas instituições de ensino superior, ainda se configuram a importância na experiência profissional, resultando numa visão, em que “predomina o despreparo e até um desconhecimento científico do que seja o processo de ensino e de aprendizagem, pelo qual passam a ser responsáveis a partir do instante em que ingressam na sala de aula.” (Pimenta & Anastasiou, 2002, p. 37).¹⁰

A competência didático-pedagógica, cuja área de abrangência destaca o *saber docente*¹¹, deixa de ser um espaço exclusivo das licenciaturas como um todo e aparece como atual preocupação na compreensão do processo de ensino e de aprendizagem no ensino superior. Vemos essa preocupação como um dos aspectos considerados pela Unesco¹² e destacados por Masetto (2003, p. 16): “novo paradigma de educação superior que tenha seu interesse centrado no estudante; novos métodos pedagógicos precisam estar associados a novos métodos avaliativos; criar novos ambientes de aprendizagem.”

⁸ As universidades tiveram de conceder mais espaço à formação científica e tecnológica para corresponder à procura de especialistas que estejam a par das tecnologias mais recentes [...]. (Delors, 2000, p. 143).

⁹ PIMENTA, Selma Lopes Garrido & ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002, vol. 1 (Coleção Docência em Formação).

¹⁰ Idem

¹¹ Tardiff, Maurice. “Esses saberes são os saberes disciplinares, curriculares, profissionais (incluindo os das ciências da educação e da pedagogia) e experiências.”(2002, p. 33)

¹² Delors, Jacques.

CONTEXTO ATUAL

“QUEM SABE FAZ, QUEM NÃO SABE ENSINA?”¹³

A competência didático-pedagógica surge nos debates acadêmicos como uma necessidade que o docente sente ao enfrentar os desafios de sala de aula. As competências, meramente, profissionais não são suficientes para gerenciar as situações vividas em sala de aula, pois, muitas vezes, os docentes “não recebem qualquer orientação sobre processos de planejamento, metodológicos ou avaliatórios [...]” (Pimenta & Anastasiou, 2003, p.37)

Algumas instituições de ensino superior oferecem cursos de Metodologia do Ensino Superior aos docentes que não possuem formação pedagógica. No entanto, esses cursos não são obrigatórios, ficando como sugestão para o profissional que busca uma formação continuada, dependendo, exclusivamente, do interesse do docente.

Em relação à formação docente para o ensino superior, a legislação atual não especifica a formação pedagógica como ênfase, ou seja, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei no. 9.394/96, consta no artigo 66 “A preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado.” (p. 25).

Se a legislação atual não apresenta preocupação com a formação pedagógica do docente que atua no ensino superior podemos continuar dizendo que “*quem sabe, sabe ensinar*” ou “*quem sabe faz, quem não sabe ensina*”? Ou ainda, por que debater sobre a aprendizagem do estudante, considerando que “se estes não aprendem, não é problema do professor, especialmente do universitário, que muitas vezes está ali como uma concessão, como um favor, como uma forma de abnegação que vê no ensino uma forma de ajudar os outros, como um bico, etc.”? (Pimenta & Anastasiou, 2003, p. 37) Afinal, o que a pedagogia tem a ver com isso?

De acordo com Tardiff (2002, p. 149):

¹³ Dito popular.

“A pedagogia não pode ser outra coisa senão a prática de um profissional, isto é, de uma pessoa autônoma, guiada por uma ética do trabalho e confrontada diariamente com problemas para os quais não existem receitas prontas. Um profissional do ensino é alguém que deve habitar e construir seu espaço pedagógico de trabalho de acordo com limitações complexas que só ele pode assumir e resolver de maneira cotidiana, apoiado necessariamente em uma visão de mundo, de homem e de sociedade.”

A meu ver as exigências atuais de uma competência didático-pedagógica surgem a partir de uma preocupação com a qualidade do ensino, nesse caso específico, do ensino superior. Desempenhando minhas funções junto ao NAP (Núcleo de Apoio Pedagógico) nessa instituição de ensino e acompanhando os debates realizados no corpo docente, percebi a necessidade de refletir sobre as questões que envolvem a compreensão que os profissionais-professores têm do processo de aprendizagem e como sua forma de ensino influencia esse processo. Como dialogar sobre construção de conhecimento com docentes que ainda usam a transmissão de conteúdos como única forma de ensino?

Partindo da perspectiva de processo de ensino não podemos deixar de citar que durante a última década, não podíamos falar sobre *métodos e técnicas*¹⁴ de ensino, porque essa idéia estava impregnada de uma visão racionalista de mundo. No entanto, vivemos num mundo que está em processo contínuo de mudança e que exige um estudante autônomo que deve construir seu conhecimento, visando *o aprender a aprender*.

Nessa visão simplista de que, basta aplicar técnicas e métodos de ensino que o trabalho docente desempenha seu papel e o processo de aprendizagem está garantido, surge a necessidade do debate sobre a prática pedagógica como forma de reflexão do trabalho docente.

Segundo Freire (1995):

“É isso que chamo pensar a prática e é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor. E quanto mais penso e atuo assim, mais me convenço, por exemplo, de que é impossível ensinarmos conteúdos sem saber como pensam os alunos no seu contexto real, na sua cotidianidade. Sem saber o que eles sabem melhor o que já sabem, de um lado e, de outro, para a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem.” (p.104/105)

¹⁴ “... fica claro que quaisquer técnicas de ensino não têm existência em si, nem racionalidade em si como apregoava o tecnicismo. A pretensão deste é que, ocorrendo a correta seqüenciação dos processos pedagógicos determinados, estariam simplesmente garantidos o ensino e a aprendizagem de qualidade. Nessa perspectiva, a racionalidade do processo pedagógico estaria nos meios: bastariam as estratégias e as táticas bem conduzidas para realizar em plenitude a atividade de ensinar.”(Veiga, 2006, p. 22/23)

As instituições de ensino superior, a partir das avaliações internas e externas estão criando espaços de discussões pedagógicas, envolvendo o aprimoramento e a formação continuada. O Centro Universitário – UNIVATES já estabeleceu este espaço através do NAP (Núcleo de Apoio Pedagógico ao docente) e minha proposta é lançar um Fórum de Discussão sobre Métodos e Técnicas de Ensino em que os docentes de vários cursos possam participar para refletir sobre sua competência didático-pedagógica, visando proporcionar momentos de debate e possibilidades de desconstruções e reconstruções significativas.

REFERÊNCIAS:

DELORS, Jacque (org.). **Educação: Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'água, 1995.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

PIMENTA, Selma Lopes Garrido & ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002, vol. 1 (Coleção Docência em Formação).

_____, CUNHA, Maria Isabel & MARTINI, Jussara Gue (org.). **Os rumos da Educação Superior**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. 6ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: por que não?** 17ª. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.